



## **Retomadas Quilombolas do Angelim 1: elementos da transição agroecológica em contextos de injustiça ambiental no extremo-norte do Espírito Santo.**

*Quilombolas of Angelim 1 retakes: elements of the agroecological transition in contexts of environmental injustice in the extreme north of Espírito Santo.*

PEREIRA, Gustavo Rovetta<sup>1</sup>; GUIMARÃES, João Batista<sup>2</sup>; SILVA, Juciane Maia<sup>3</sup>;

<sup>1</sup>PGDR (DESMA; TEMAS)/UFRGS, gustavorpcso@yahoo.com.br; Comunidade Quilombola do Angelim 1; <sup>2</sup> Agroecotur, guimares.agroecotur@hotmail.com;

<sup>3</sup> Comunidade Quilombola do Angelim 1; Agroecotur, jucibepe88@gmail.com

### **Eixo temático: Desertificação, água e resiliência socioecológica às mudanças climáticas e outros**

**Resumo:** Este texto tem o objetivo de destacar elementos da transição agroecológica das Retomadas Quilombolas do Angelim 1, no Sapê do Norte, município de Conceição da Barra, extremo – norte do Espírito Santo. Destaca-se que as Retomadas Quilombolas são empreendimentos agrícolas, construídos em um ambiente que se encontra em avançado processo de degradação da disponibilidade hídrica e da fertilidade dos solos. Isto se traduz em uma agricultura que não dispõe das condições ambientais características da Mata Atlântica no extremo-norte do Espírito Santo. Fato principalmente decorrente da região estar majoritariamente tomada pelo monocultivo de eucaliptos para alimentação das linhas de produção da indústria de celulose.

**Palavras-chave:** transição agroecológica; justiça ambiental; resiliência socioecológica.

### **Introdução**

No caso das retomadas quilombolas do Angelim 1, tratamos a transição agroecológica como processo continuado de (re)existência, através do manejo agrícola, em uma realidade ambiental de fragilidade e da violação da autonomia dos povos, em consequência da invasão pelo monocultivo de eucalipto da indústria de celulose, dos locais de habitação e reprodução da vida, sob o incentivo do estado, desde a década de 60 aos dias atuais. Em suma, uma injustiça ambiental, que se perpetua no tempo (ACSELRAD, 2010).

As populações remanescentes quilombolas do Sapê do Norte são descendentes em sua maioria de africanos(as) sequestrados e trazidos(as) no século XVI, principalmente, das províncias de Cabinda e Benguela (MACIEL, 2016). Sendo escravizados nas fazendas dos colonizadores portugueses que produziam farinha de mandioca para exportação (CÔGO, 2007). Entretanto, com o fim do Ciclo da Farinha e mais tarde com a abolição da escravatura passaram a viver de maneira soberana sobre o território. Porém, a partir da década de 60 do século XX, como parte dos planos de desenvolvimento do regime militar, a região passou a ser foco de empresas transnacionais do ramo da celulose que se aproveitaram do fato das terras entre Conceição da Barra e São Mateus, serem de uso tradicional de populações negras para coagirem e expulsarem, grande parte das pessoas das



comunidades. Sob a égide do racismo institucionalizado na postura do estado em relação às populações indígenas e negras, que compreendia essas regiões como "vazios demográficos" (FERREIRA, 2002; 2009, DARÉ, 2006). Simultaneamente, a empresa derrubou as florestas. Primeiramente com machados e depois de uma maneira absurdamente mais agressiva, se utilizando de tratores e correntões, devastando todo um ecossistema complexo (RUSCHI, 1968, MEDEIROS, 1995; FERREIRA, 2002; 2009).

Além disso, a empresa responsável pelos monocultivos de eucalipto à época, de nome Aracruz Celulose, desmatou matas ciliares. Assim como, plantou eucaliptos em áreas de nascentes se utilizando de capina química e uma quantidade ascendente de agrotóxicos. Conforme a empresa demandava aumento de produtividade dos eucaliptais e também devido aos desequilíbrios ecossistêmicos, gerados pelo próprio monocultivo (RUSCHI, 1968, FERREIRA, 2002, 2009).

O eucalipto requer quase 1000 mm a mais de chuva que a média de pluviosidade de Conceição da Barra. Essa quantidade, a planta captura dos lençóis no subsolo, diminuindo a disponibilidade hídrica na localidade (RUSCHI, 1968; 1978, MEDEIROS, 1995). Por consequência, durante a estiagem entre 2015 e 2017, que culminou na crise hídrica da região sudeste, as comunidades de remanescentes de quilombos ficaram sem água. Algumas famílias mais vulneráveis dependeram dos poucos carros pipas disponibilizados pelo estado para o abastecimento de água.

## **Metodologia**

A pesquisa que deu origem a este texto é uma das consequências da parceria entre o Grupo de Agricultura Ecológica Kapixawa, a FASE (Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional) e as lideranças e membros das Comunidades Quilombolas do Sapê do Norte. Tal parceria operacionalizou visitas *in situ* para a identificação das diferentes consequências do monocultivo de eucalipto no Sapê do Norte, Conceição da Barra e permitiu evidenciar formas de manejo positivas, praticadas pelas comunidades remanescentes quilombolas, em relação às características dos agroecossistemas locais.

As incursões foram realizadas em um primeiro momento, entre 20 e 25 de Julho de 2018 e em um segundo momento entre 20 e 26 de Janeiro de 2019. No caso deste texto tratamos apenas da visita em aproximadamente dez estabelecimentos agrícolas das Retomadas Quilombolas do Angelim 1, uma amostra de toda a vivência no Sapê do Norte.

Deste modo, a pesquisa foi construída através de metodologia inspirada em abordagens de cunho etnoecológico, ou seja, no sentido de identificar e compreender uma amostra das formas de manejo humano (itinerários técnicos e saberes) dos (agro)ecossistemas (CAMPOS, 2002). Neste caso específico, a forma da comunidade lidar com as consequências do monocultivo de eucalipto, nas áreas



de Retomadas. Também foram consultadas fontes secundárias sobre a construção histórica da realidade ambiental das Comunidades Quilombolas do Sapê do Norte. Assim como, sobre as consequências já percebidas do monocultivo de eucalipto que influenciam diretamente nos modos de vida das famílias em questão.

## **Resultados e Discussão**

As retomadas se iniciaram em 2007, consistindo na derrubada dos eucaliptos e na ocupação de diversas áreas ancestralmente utilizadas coletivamente pelas famílias de remanescentes quilombolas do Sapê do Norte. Sendo realizadas através do uso do machado e do fogo e de uma organização para divisão e ocupação das áreas em questão. Muitas das dificuldades encontradas nas retomadas consistem no fato dessas terras terem sido utilizadas pela indústria da celulose, para o monocultivo de eucaliptos. Por consequência, estando degradadas, em processo de desertificação e salinização (RUSCHI, 1968; 1978, MEDEIROS, 1995).

Devido ao manejo genético empreendido pela indústria de celulose nas plantas de eucaliptos, estas se tornaram muito perenes (WRM, 2019), empreendendo um insistente processo de rebrota. Sendo um controle mais sofisticado da rebrota um desafio ainda não solucionado pelos agricultores(as) das retomadas. Por isso, constantemente as novas mudas são retiradas conforme vão renascendo.

Portanto, um dos aspectos elementares do manejo das áreas de retomada, está no controle da rebrota e a recuperação da diversidade ambiental da Mata Atlântica, que foi impossibilitada pelo monocultivo de eucalipto. Dessa maneira, com a retirada do eucalipto as sementes que estavam adormecidas nos solos, despertam, havendo o surgimento de várias plantas pioneiras, características a localidade, que vão novamente recuperando a cobertura do solo, também, produzindo biomassa.

Nas áreas de alagados, várzeas e lagoas, que há anos estavam secas, teve início um processo de recuperação gradual, ao serem propiciadas condições para o recebimento e o armazenamento de água da chuva. Parte da fauna característica a estas áreas, a exemplo dos "patos do mato" e "queixadas" foi atraída, em função do processo de recuperação. Em alguns casos, pequenas estradas, áreas de lavouras de banana recém-plantada e até uma casa, tiveram de ser abandonadas, pois, alagaram permanentemente com as primeiras chuvas.

De outro modo, mesmo que os eucaliptos sejam retirados e sistematicamente impedidos de rebrotarem nas áreas de retomadas, as propriedades são margeadas por um vasto eucaliptal. Que abrange nascentes e locais que anteriormente eram cursos d'água. Fato que compromete a disponibilidade hídrica das famílias das retomadas. Dessa forma, faz-se com que a água tenha que ser levada por uma tubulação de um estabelecimento agrícola de retomada até o outro, quando é aproveitada ao máximo a pouca declividade do terreno, ou se utilizando de bombas elétricas, para o bombeamento de água.



No âmbito da agricultura, as lavouras são organizadas através do plantio diversificado, não necessariamente em leiras separadas umas das outras, mas, na forma de sistemas agroflorestais. São cultivadas plantas nativas, com adubação verde, frutíferas, leguminosas e tubérculos, conforme o acesso gradual das famílias a uma variedade de mudas e sementes.

Em áreas maiores dentro de cada unidade familiar de produção são plantadas, mais comumente mandiocas, bananas e/ou pimenta do reino estaqueada e conduzida com glíricidias, planta também utilizada para adubação verde. A mandioca tem um papel ancestral na base alimentar do Sapê do Norte, onde é tradicionalmente utilizada para a feitura de beiju, tapioca e farinha. Entretanto, a pimenta do reino é plantada na região no intuito de sua comercialização, prática incentivada há algum tempo pelo estado. As duas plantas se apresentam como fonte de renda para as famílias ao serem comercializadas.

As lavouras agroflorestais vão se alongando das proximidades das casas até as cercas que dividem uma unidade familiar de outras, na forma de quintais agroflorestais. Há casos onde até três casas somam suas lavouras e quintais em um só estabelecimento agrícola ramificado em várias culturas agrícolas, manejadas conjuntamente, por membros de uma mesma família, que moram vezes sim, vezes não em casas separadas. Além disso, são plantados: abacaxi, caqui, manga, urucum, jambo branco, pêssego, siriguela, cajá umbu, cacau, jaca, cupuaçu, acerola, goiaba, cambucá, caju, pitanga, pitanga roxa, pitaia, coco, uva, limão, abiu, abricó, manjerição, almesca, ipê, fruta-pão, cana, dentre outras variedades. Também são criadas galinhas soltas.

## **Conclusões**

Ao se confrontar algumas das evidências encontradas em campo com o que usualmente é concebido como “propriedades dos agroecossistemas”, que relacionam produtividade, resiliência e equidade (CONWAY, 1987). Percebe-se um imperativo maior, no caso das Retomadas Quilombolas do Angelim 1, encontrado no fato do manejo das condições ambientais de desenvolvimento dos agroecossistemas estarem sob o domínio da indústria de celulose.

Isto posto, essas famílias estão aos poucos buscando reconfigurar suas formas de compreensão e manejo dos agroecossistemas, bem como os arranjos sociais subjacentes, no sentido de reconstruir a sustentabilidade através de modos de existência, majoritariamente agrocêntricos. Este processo gesta um tipo de sustentabilidade, diferente daquela empreendida em agroecossistemas majoritariamente fundamentados na caça, coleta e na pesca artesanal, e em menor escala na agricultura, que foram desenvolvidos pelos quilombolas do Sapê do Norte, do Séc. XVI até o momento em que o eucalipto passa a se sobrepor aos rios e a floresta atlântica do extremo-norte do Espírito Santo.





É importante que em trabalhos futuros, tanto no âmbito da extensão, quanto de pesquisas junto às comunidades, seja possível compreender cada vez melhor até a onde a transição agroecológica das retomadas quilombolas pode chegar enquanto processo de reconfiguração socioecológica da realidade que se apresenta, mesmo que o monocultivo de eucalipto não tenha fim, enquanto modo majoritário de (des)envolvimento territorial local no entorno das comunidades.

### Referências bibliográficas

ACSELRAD, Henri. Ambientalização das lutas sociais - o caso do movimento por justiça ambiental. **Estudos Avançados**. 24(68), 2010.

CAMPOS, Márcio D’Oliveira. Etnociência ou Etnografia de Saberes, Técnicas e Práticas ? In: **Métodos de Coletas e Análise de Dados em Etnobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas**. Editores: Maria Christina de Mello Amorozo, Lin Chau Ming, Sandra Maria Pereira da Silva – Rio Claro: Coordenadoria de Área de Ciências Biológicas – Gabinete do Reitor – UNESP/CNPQ, 2002.

CÔGO, Anna Lucia. **História Agrária do Espírito Santo no século XIX**: a região de São Mateus. Tese de Doutorado em História Econômica. USP. 2007. 200p

FERREIRA, Simone R. Batista. 2002. **Da fartura à escassez**: a agroindústria de celulose e o fim dos territórios comunais no Extremo Norte do Espírito Santo. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana apresentada à Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_, Simone R. Batista. **“Donos do lugar”**: a territorialidade quilombola do Sapê do Norte – ES. 513 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, 2009. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br).

MACIEL, Cleber. **Negros no Espírito Santo** / Cleber Maciel; organização por Osvaldo Martins de Oliveira. –2ª ed. – Vitória, (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. 282 p.:il. – (Coleção Canaã, v.22).

MEDEIROS, Rogério. Ruschi: **O agitador ecológico**/ Rogério Medeiros – Rio de Janeiro: 2ª ED, Record. 1995.

RUSCHI, Augusto. **O Mapa Fitogeográfico Atual do E. E. Santo**. Boletim Museu Mello Leitão. Museu Nacional. Série Proteção a Natureza. N. 30. Santa Teresa – ES. Brasil. 1969

\_\_\_\_\_. **Agroecologia**. Nota Editor. Geraldo Vasconcellos. Brasília, Horizonte. 1969.p. il. 144.

**XI CBA**  
**Congresso**  
**Brasileiro de**  
**Agroecologia**  
Ecologia de Saberes:  
Ciência, Cultura e Arte na  
Democratização dos  
Sistemas Agroalimentares



WRM, World Rainforest Movement. **Árvores transgênicas e plantações de monoculturas de árvores:** conflitos, ameaças e lutas de resistência no Brasil. Uma compilação de artigos do boletim WRM e outras publicações. Brasil, abril de 2019.